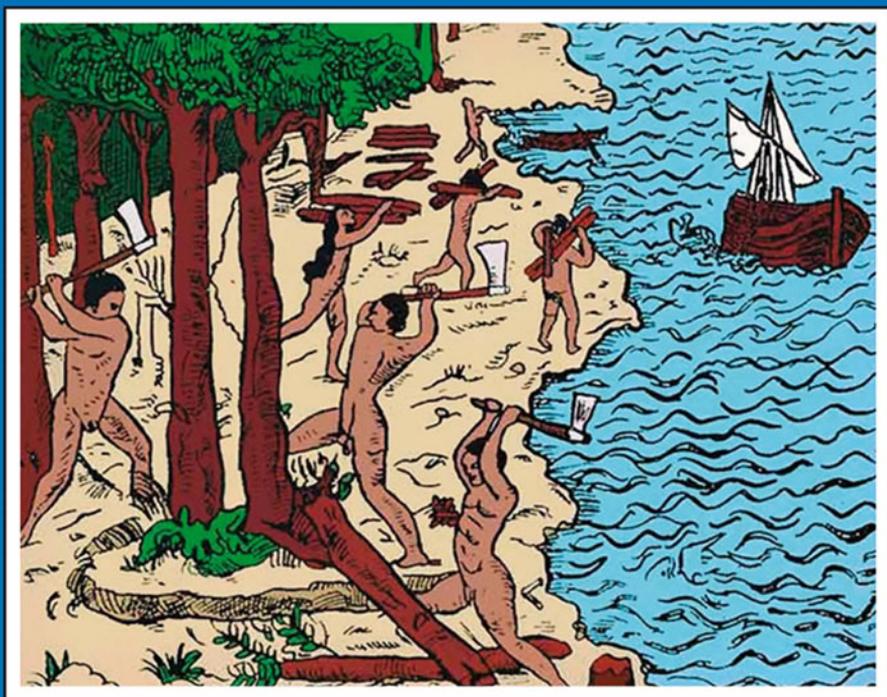


Kathryn Bishop-Sanchez

UTOPIAS DESMASCARADAS

O MITO DO BOM SELVAGEM E A PROCURA
DO HOMEM NATURAL
NA OBRA DE ALMEIDA GARRETT



temas portugueses

PREFÁCIO

O objectivo principal do presente estudo é analisar a imagem do «bom selvagem» na obra de Almeida Garrett. O projecto nasceu de uma convicção pessoal: a importância de que se reveste o mito do bom selvagem torna necessária uma reavaliação do «moderno» e do «primitivo» no momento em que o Portugal oitocentista faz face a grandes transformações sócio-políticas internas. Colocando frente a frente a nostalgia de uma época menos civilizada e a incipiente Modernidade, é na obra de Garrett que melhor se observa esta tentativa de reconciliar, à sombra de Rousseau, as características do homem primitivo e a emergência do novo cidadão vintista.

Se o mito do bom selvagem tem merecido a atenção dos críticos e dos estudiosos literários, sobretudo em relação às literaturas inglesa, francesa e americana, é curioso notar que apesar da rica tradição dos descobrimentos e do «indianismo» no Novo Mundo, poucos e isolados são os estudos teóricos que tratam principalmente do mito do bom selvagem na literatura luso-brasileira¹. A relativa escas-

¹ Voltaremos, mais adiante, a comentar um pequeno número de contribuições anteriores que tratam deste tema na literatura luso-brasileira, mas assinalamos desde já vários livros referidos na bibliografia e que consideramos estudos-chave para a análise da representação literária do bom selvagem nas literaturas francesa, americana e inglesa: Hoxie Neale Fairchild, *The Noble Savage; a Study in Romantic Naturalism*, New York, Colum-

sez de trabalhos críticos dedicados ao tema do bom selvagem torna-se ainda mais surpreendente quando consideramos a permanência deste mito ao longo do desenvolvimento da literatura de expressão portuguesa. De facto, a partir da época clássica, senão antes, o bom selvagem figura visivelmente como topos frequente nos textos literários portugueses, encontrando a sua maior expressão na literatura do Romantismo, por razões que voltaremos a evocar na segunda parte do presente estudo.

Levando em conta a formação estético-literária do mito do bom selvagem no imaginário português através de épocas sucessivas, a nossa investigação centra-se na obra de Almeida Garrett por ser, como é sabido, um dos autores mais criativos e representativos do Romantismo português. Na continuação de uma tradição mitológica e literária de tanta envergadura, interessa-nos, sobretudo, entender a importância conferida ao bom selvagem no momento em que o advento do Romantismo substitui e «rectifica» a penúria literária do setecentismo iluminista em Portugal². Pondo em questão essa metáfora do homem selvagem no limiar da explosão industrial e urbana que abalou a Europa no século XIX, a obra de Almeida Garrett aparece-nos simultaneamente como uma assimilação do fervor e apelo do liberalismo e a sua reacção ao rápido insucesso das esperanças do Vintismo. Este movimento, con-

bia University Press, 1928; Harry Hartwick, *The Foreground of American Fiction*, New York, American Book Co., 1934; Enea Balmas, *Il buon selvaggio nella cultura francese del Settecento*, Milano, Cisalpino-Goliardica, 1980; Gaile McGregor, *The Noble Savage in the New World Garden: Notes Toward a Syntactics of Place*, Toronto, University of Toronto Press, 1988; Stelio Cro, *Noble Savage. Allegory of Freedom*, Waterloo, Canada, Wilfrid Laurier University Press, 1990; Maurice Cranston, *The Noble Savage*, Chicago, University of Chicago Press, 1991.

² Numerosas são as referências da época, e posteriores, que sublinham essa «penúria» das letras portuguesas no século das Luzes. Sugerimos a título indicativo, a carta de Robert Southey ao seu amigo William Taylor que data de 1800: «A sociedade aqui é tal que chegará a deprimir qualquer pessoa acostumada à liberdade de expressão e ao intercâmbio intelectual. A literatura aqui é inexistente», in Robert Southey, *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838*, Oxford, Clarendon Press, 1960 (nossa tradução). Veja também José-Augusto França, *O Romantismo em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1993, p. 27.

siderado representativo de ideias e valores «colectivos», surgiu numa época de redefinição da nação portuguesa à qual se junta uma nova representação do «eu» individualista e solitário, em simultâneo com a emergência do conceito de cidadão moderno.

A primeira parte deste estudo contém uma abordagem teórica da noção do bom selvagem e a representação deste mito na tradição literária portuguesa pré-romântica. Reconhecendo que uma análise desta natureza não pode deixar de se apoiar num conjunto de questões de ordem teórica, é por uma prévia selecção crítica das diversas definições e observações propostas por vários autores e filósofos em relação ao bom selvagem que iniciamos o nosso estudo. Questionando o que se pode entender por «bom selvagem», esta abordagem servirá para fundamentar a nossa análise dos textos de literatura portuguesa e principalmente da obra de Almeida Garrett.

No primeiro capítulo, centramos a nossa atenção nos mitos tradicionais que contribuíram para a formação estético-ideológica do bom selvagem antes da época do Romantismo. Podem ser isolados vários mitos que abundam na tradição literária portuguesa: a dinâmica da oposição cidade-campo, a crença cristã no Jardim do Éden, a lenda pagã da Idade de Ouro, além da persistência da utopia de paraísos terrestres e de ilhas encantadas, e os relatos de viagem. Seria difícil propor qualquer interpretação da metáfora do bom selvagem na obra de Almeida Garrett ignorando as utopias que abundaram antes de Rousseau e que provavelmente lhe serviram de fonte de inspiração para modelar a sua teorização do homem natural. É certo que o bom selvagem de Rousseau, mito com antepassados em crenças antigas e lendárias, representa o cume de uma indagação sobre a natureza do homem que atravessa os séculos. Justifica esta abordagem a pertinente afirmação do crítico Gilbert Chinard que, em *L'Amérique et le rêve exotique*, explica a posição crucial de Jean-Jacques Rousseau e as razões por que conferiu, a seu ver, uma nova expressão à tradição do bom selvagem na continuação de mitos já clássicos:

L'antiquité avait eu l'Âge d'or, le moyen âge le Paradis Terrestre; [...] Le bon indien va paraître réunir en lui toutes les vertus antiques et chrétiennes, c'est de l'Amérique et des Iles que l'on va rêver et c'est des récits de voyages que proviennent directement toutes les utopies qui abondent avant Rousseau, et dont Rousseau s'inspire [...]. L'apogée de ce mouvement est marqué

*par le Discours sur l'inégalité, résultat de deux siècles et demi de discussions, de révoltes et de rêves utopiques.*³

Concebendo o ideário de Rousseau em relação à essência natural do homem como o ponto culminante de vários séculos de discussões que entre um e outro extremo deambulam, abordamos a questão da bondade natural a partir dessas crenças lendárias. De facto, para analisar eficazmente o conceito de «bom selvagem» na história da literatura portuguesa, torna-se imprescindível compreender o processo de recriação do mito a partir da herança literária de outras épocas. Para este fim, no segundo capítulo, examinamos autores canónicos e exemplares da literatura portuguesa anterior à época de Garrett cujas obras abordam esses mitos clássicos e tradicionais, assim constituindo antecedentes cronológicos e ideológicos de Almeida Garrett, no que se refere ao tema em questão. Dado que o nosso trabalho constitui a primeira abordagem analítica do mito do bom selvagem na literatura portuguesa, esperamos que o segundo capítulo do presente estudo proporcione a introdução básica a elaborações futuras susceptíveis de corroborarem a importância deste tema na literatura portuguesa. Como sucede em qualquer análise efectuada a partir de uma perspectiva crítica definida, limitámo-nos aos textos que nos pareçam mais emblemáticos do nosso tema; mas temos plena consciência de que a nossa escolha não esgota a representação do mito do bom selvagem na literatura portuguesa. A seguir, no terceiro capítulo desta primeira parte, ocupar-nos-emos mais precisamente da recepção literária das ideias de Rousseau em Portugal, pois consideramo-las fundamentais na formação do pensamento dos séculos XVIII e XIX que tão grande influência teve na criação literária portuguesa. Interrogando-se com muitos dos seus contemporâneos sobre a essência humana, Rousseau conseguiu, com a sua obra, tornar populares em França a sua filosofia e o mito da bondade natural do homem. E as suas ideias alcançaram rapidamente grande popularidade além-fronteiras, integrando-se de forma significativa na literatura ocidental em geral⁴. Também em Por-

³ Gilbert Chinard, *L'Amérique et le rêve exotique*, Paris, Librairie E. Droz, 1934, p. VII.

⁴ Para um estudo da influência de Rousseau na Espanha e América Latina, ver Jefferson Rea Spell, *Rousseau in the Spanish World before 1833*, Austin, University of Austin Press, 1938.

tugal a influência dos seus escritos parece ter sido primordial, dando prestígio e popularidade às teorias da superioridade do homem natural. A nostalgia do homem primitivo em contacto feliz com a natureza, que deixou uma marca decisiva na obra de Rousseau, tornou-se assim herança recebida por muitos em diferentes países, e Portugal, apesar da rigorosa censura em vigor, não foi excepção. É certo que obras de outros filósofos circularam em Portugal e tiveram muitos leitores entre os homens de letras portugueses. Mas na questão do mito do bom selvagem foram indiscutivelmente as ideias de Rousseau que desempenharam um papel primordial um pouco por toda a parte. A prová-lo, estão os inúmeros plágios, traduções, adaptações e críticas das suas obras (e não unicamente as obras em si mesmas) que, a nossa análise tomará em conta na conclusão do terceiro capítulo.

Dada a importância do mito do bom selvagem na obra de Almeida Garrett e o ensurdecedor «silêncio» crítico a este respeito, dedicamos a segunda parte deste estudo exclusivamente à análise da sua obra, pois consideramos a obra garrettiana emblemática dos temas de que epistemológica e ideologicamente se nutria o Romantismo. Mas determinar a importância e as consequências da influência de um escritor num meio e em autores determinados, é uma tarefa sumamente subjectiva à qual seria ambição excessiva querer responder no nosso projecto. Além disso, é preciso ter em conta que a questão das influências adquiriu nos estudos literários mais recentes um estatuto de enorme complexidade. A intertextualidade, designação que substituíu a da «influência», é um conceito que exige grandes precauções. A tarefa que a seguir vamos empreender não constitui, contudo, apenas um estudo da «presença» de Rousseau na obra de Garrett, pois a nossa leitura crítica situa-se essencialmente no limiar da teoria literária da intertextualidade, analisando nos próprios textos de Garrett as manifestações da ideologia mítica do bom selvagem na qual este se filia.

Exposto desde muito jovem aos novos valores do liberalismo que então sugeriram no País, Garrett espera encontrar neles a solução para a insatisfação que sente perante a vida moderna. Evocando com insistência na sua obra a igualdade, a liberdade e a virtude do homem natural, Garrett transmite-nos as tensões que o atormentam e que se articulam entre as esperanças inerentes à nova forma de cidadania e a atracção pela felicidade de uma vida mais saudável sem a agitação da civilização. Ao mesmo tempo que discute ficionalmente a tese principal de Rousseau, segundo a qual todos os homens nascem naturalmente bons mas são per-

vertidos pela sociedade, a obra de Garrett, aderindo a algumas facetas da doutrina de Rousseau e questionando outras, problematiza também questões essenciais para a mentalidade da época. Neste estudo seguimos o percurso desta indagação sobre o homem e o humano na obra garrettiana, mostrando como a representação do homem naturalmente bom vai reflectindo as diferentes «fases» duma renegociação do paradigma rousseauiano na obra de Garrett. Veremos como as profundas convicções pelas quais Garrett tanto lutou na euforia do vintismo não sofrem uma modificação profunda na sua essência: o que foi mudando foram apenas os caminhos a seguir para as atingir⁵. Se os textos do jovem Garrett revelam uma forte crença na capacidade de o homem naturalmente virtuoso poder viver numa sociedade regulada pelas leis e por um sistema de justiça humanos, no fim da carreira literária Garrett põe em cena uma imagem do homem virtuoso mais fiel à concepção do bom selvagem dos Discours de Rousseau, pois parece acreditar então que a conquista da felicidade, da igualdade e da independência apenas poderão realizar-se longe da sociedade. Analisando a sua lírica e teatro juvenis, os textos escritos no exílio no auge do seu desencanto interior, as novelas Viagens na Minha Terra e Helena, tentaremos compreender as longas e significativas transformações que o seu ideário (fundado na liberdade, na igualdade e na possibilidade de correlacionar a virtude natural do homem com a estrutura social da civilização) e os postulados centrais da sua obra foram sofrendo ao longo dos anos. Como se sabe, às ilusões e utopia que antecedem o triunfo da revolução liberal sucederam-se, para o jovem Garrett, a descrença e a amargura frente ao rápido malogro da «Regeneração». E a desordem e corrupção reinantes na vida social e política acabarão por levá-lo de novo ao exílio político e intelectual. Neste percurso (literário, mas não só) interessa-nos particularmente a reescrita das utopias da sociedade moderna. Como conciliar os valores de uma concepção nostálgica da sociedade inspirada por Rousseau com os valores que regiam a realidade portuguesa da época? Analisar o percurso de Garrett desta perspectiva permitir-nos-á entender melhor não só a sua obra como muito do que então se passou em Portugal.

⁵ É uma das ideias que guia o estudo de Ofélia M. C. Paiva Monteiro, *A Formação de Almeida Garrett*, 2 vols., Coimbra, Centro de Estudos Românticos, 1971. Ver, em particular, vol. II, p. 88.

Como atrás já referimos, são muito escassos, no contexto ensaístico português, os estudos que podemos considerar anteriores à presente análise. Em geral privilegiou-se a abordagem sócio-histórica da presença da filosofia de Rousseau em Portugal e a contribuição do legado ideológico da Revolução Francesa para o advento do liberalismo português na primeira metade do século XIX⁶. A este respeito deve salientar-se, antes de mais, a ambiciosa dissertação de Fernando Augusto Machado, *Rousseau em Portugal: da Clandestinidade Setecentista à Legalidade Vintista* (Porto, Campo das Letras, 2000), que constitui um abrangente e minucioso estudo histórico da presença de Rousseau em Portugal. Anteriormente o mesmo autor publicara já Almeida Garrett e a Introdução do Pensamento Educacional de Rousseau em Portugal (Porto, Edições ASA, 1993). Estas duas publicações rectificam a, até então, ausência de quaisquer estudos históricos ou pedagógicos significativos que contribuíssem para o presente tema. Os nexos entre a obra de Rousseau e a de Garrett, que norteiam o primeiro livro de Augusto Machado, centram-se nos projectos educacionais dos dois autores, analisando a recepção do pensamento educacional de Rousseau em Portugal e o papel imprescindível de Garrett neste projecto. Adoptando uma abordagem comparativa, a tese de Augusto Machado constitui a primeira tentativa importante de aproximar os dois escritores-pedagogos. Continuando a aprofundar ideias já expostas no livro anterior, o extenso

⁶ Para um tratamento do bom selvagem «histórico» em relação à experiência luso-brasileira, vejam-se os estudos seguintes: Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso. Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959; Afonso Arinos de Melo Franco, *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa: as Origens Brasileiras da Teoria da Bondade Natural*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editores, 1976. Para a influência da filosofia de Rousseau em relação à Revolução Liberal, veja-se o conciso estudo de Ana Maria Ferreira Pina, *De Rousseau ao Imaginário da Revolução de 1820*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica — Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1988, e, em relação ao Brasil, a antologia organizada por Manuel Correia de Andrade e Eliane Moury Fernandes, *O Nordeste Brasileiro e a Revolução Francesa*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1992. Ver ainda o estudo complementar (que trata principalmente do «Novo Mundo» hispânico) de Earl Fitz, *Rediscovering the New World*, Iowa City, University of Iowa Press, 1991.

estudo Rousseau em Portugal analisa a difusão e a recepção das obras de Rousseau em geral e particularmente em Portugal, tendo também em conta as traduções que delas foram feitas e a sua promoção estratégica da imprensa periódica. Além disso, o que é do maior interesse para o presente trabalho, Fernando Augusto Machado dá a devida importância à perspectiva histórica sobre a literatura portuguesa da época. Sendo, porém, outros o enfoque e o interesse do crítico, esta análise não situa o mito do bom selvagem predominantemente na obra de Garrett. Privilegiando uma leitura global e circunstancial da introdução das ideias de Rousseau na literatura da época, evocando em obras e mais escritos de autores portugueses a proeminência do deísmo rousseauiano e o pensamento político da época vintista, Augusto Machado adoptou uma perspectiva distinta da nossa⁷. Como se depreende, e é natural, a importância conferida à obra literária de Garrett é em ambos os estudos de Augusto Machado apenas concisamente referida⁸.

O presente trabalho não tem como objecto de estudo a totalidade do pensamento de Rousseau, devendo entender-se que a nossa preocupação fundamental foi analisar a imagem do bom selvagem tal como permite imaginá-la ou construí-la idealmente a obra do filósofo. Antecipando estudos que certamente não deixarão de surgir, adoptámos uma orientação que consideramos complementar às obras pioneiras de Augusto Machado. Tentamos assim continuar a abrir o caminho para uma perspectiva que ponha em evidência as relações que se podem estabelecer entre os dois autores, Rousseau e Garrett. Foi neste contexto que os

⁷ Nos capítulos VIII e IX Augusto Machado muda sensivelmente de abordagem ao apresentar uma análise «textual» da influência indirecta de Rousseau em autores do fim de setecentos e do começo do século XIX. Com o intuito de demonstrar de uma forma global a presença do filósofo em textos portugueses, esta parte do estudo abrange um grande número de textos e de autores. Muito deles constituiriam aquilo a que hoje se chama «crítica secundária» ou textos «para-literários». A excepção é a breve análise dos autores Filinto, Bocage, Bento Luiz Viana e a marquesa de Alorna, que merecem destaque particular. Veja-se Fernando Augusto Machado, *Rousseau em Portugal: da Clandestinidade Setecentista à Legalidade Vintista*, Porto, Campo das Letras, 2000, pp. 503-518.

⁸ Veja-se a secção «Presença de Rousseau na obra de Garrett, em termos gerais, Introdução do pensamento», pp. 126-149, e «Almeida Garrett: com Rousseau desde os verdes anos», in *Rousseau em Portugal*, p. 585.

estudos atrás referidos nos serviram de valioso ponto de referência filosófica e histórica, como será mais visível no terceiro capítulo da nossa análise, quando estudamos a recepção literária do mito do bom selvagem no século das Luzes em Portugal.

Convém ainda salientar que, as escassas análises do mito do bom selvagem que precedem no contexto da língua portuguesa a nossa abordagem literária da representação do bom selvagem, se articulam principalmente a partir de textos pertencentes ao cânone brasileiro de índole «indianista». Como se sabe, a Carta de Pêro Vaz de Caminha e outros textos nascidos da experiência dos Descobrimentos inspiraram várias análises histórico-literárias da representação da bondade natural às quais se juntaram alguns estudos pontuais da obra de José de Alencar e frei José de Santa Rita⁹. Em relação à literatura portuguesa, o curto ensaio de Jacinto do Prado Coelho publicado em 1977 constitui uma das poucas valorizações explícitas do mito do bom selvagem na literatura portuguesa. A ele nos havemos de referir ao abordar as Viagens na Minha Terra na segunda parte da nossa investigação¹⁰.

Algumas observações finais de ordem metodológica. A fim de tornar este estudo mais facilmente acessível à consulta, adoptámos uma estruturação cronológica na segunda parte do presente livro. Dada a extensão do

⁹ De acesso relativamente fácil, sugerimos os estudos literários seguintes: Elena Losada Soler, «La primera mirada europea sobre el Brasil: De como el 'buen salvaje' se convirtió en 'monstruo canibal'», in *Cuadernos Hispanoamericanos*, 620 (Fev. 2002), pp. 43-53; Isabel Allegro de Magalhães, «La buena salvaje en la Carta de Pero Vaz de Caminha: Una mirada europea masculina de Quinientos», in *Alba de América: Revista Literária*, 11, n.ºs 20-21 (Julho, 1993), pp. 211-220; Claude Hulet, «The Noble Savage in Caramuru», in *Essays on Hispanic Art*, East Lansing, Lat. Amer. Studies Center, Michigan State University, pp. 123-130. Uma recente dissertação não publicada trata da obra *O Guarani* de José de Alencar: Michael Bruce Sawyer, «Coloniality and Post-Coloniality in Cuba and Brazil: The Noble Savage as Barometer of Subversive Discourse» (Novembro, 2001), pela Universidade de Texas Tech. Pode também ser de interesse o artigo sobre a obra de Monteiro Lobato por Maria José de Queiroz, «Mitos e frustrações nacionais: Jeca Tatu, a outra face do bom selvagem», in *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, 39-40 (1978-1979), pp. 323-341.

¹⁰ Jacinto do Prado Coelho, «Garrett, Rousseau e o Carlos das Viagens», in *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Moraes, 1977, pp. 81-84.

corpus escolhido, o nosso projecto pode parecer demasiado ambicioso. Tenha-se em conta, porém, que, não se pretende aqui abranger a obra de Garrett na sua totalidade, mas antes proceder a uma abordagem selectiva dos textos que julgamos pertinentes no quadro da nossa incursão analítica. Identificar e entender o mito do bom selvagem tal como se vai manifestando mais ou menos claramente na obra de Garrett pareceu-nos que era uma maneira adequada de aceder ao conceito da natureza humana tal como Garrett a terá entendido ao longo da sua vida. Esta ambição deve permitir-nos propor uma visão mais alargada do percurso literário garrettiano tal como ele se revela nos diferentes géneros praticados pelo autor, sem no entanto se restringir aos limites de nenhum deles em particular. Note-se que raros são os estudos que abordam o universo garrettiano na sua totalidade, tendo em conta a permanência dos mesmos temas nos diferentes géneros literários praticados pelo autor. Tem-se dado prioridade, pelo contrário, a leituras pontuais da lírica de Garrett, da peça Frei Luís de Sousa, ou da narrativa Viagens na Minha Terra¹¹. Constituinto o presente estudo a primeira abordagem sistemática da noção de natureza humana tal como se manifesta na obra de Garrett, não podíamos ter a pretensão de propor ao leitor uma análise exaustiva do assunto. Limitamo-nos, mais modestamente, a proporcionar, a partir do nosso enfoque no mito do bom selvagem, pontos de partida para futuras abordagens que possam promover um maior entendimento da intersecção entre o romantismo português e o pensamento do século das Luzes. Ditas as coisas de outra maneira: tomámos a obra de Garrett como um ponto dialogal e charneira entre a filosofia setecentista de Rousseau e as vozes do liberalismo português em que se situa. Como se verá, principalmente na segunda parte deste estudo, a obra de Garrett pode ser vista como uma produção artística gerada por postulados do passado, inspirada pelo presente, e revelando grandes esperanças nas contribuições do futuro. Por isso se pode afirmar que representa uma feliz confluência de diversos ideários, tendo aberto, a partir de algumas antigas e de outras mais recentes ideologias, o caminho a um novo discurso. A ambição profunda desse discurso pareceu-nos que se pode identificar, num processo de «desmascaramento utópico», com o desejo de compreender a essência humana.

¹¹ Constitui óbvia excepção a esta visão «pontual» da crítica da obra garrettiana, o fundamental trabalho de Paiva Monteiro, *A Formação de Almeida Garrett*.

INTRODUÇÃO

O MITO DO BOM SELVAGEM NO IMAGINÁRIO EUROPEU

Tema de importância ancestral, a figura do bom selvagem tem vindo progressivamente a tomar forma como mito global veiculado pela literatura europeia. Ligado frequentemente ao culto da natureza e ao «descobrimento» de novas terras exóticas, trata-se, amiúde, de expressar um afastamento da sociedade e da civilização, consideradas corruptas, para viver num estado mais natural. A expressão «bom selvagem» surgiu de maneira mais importante nas reflexões filosóficas do século XVI e tomou progressivamente uma forma mais clara nos séculos seguintes. No entanto, conforme veremos no primeiro capítulo do nosso trabalho, não se ignora que anteriormente à época moderna algumas tradições e crenças mitológicas, assim como relatos históricos e antropológicos, já tinham contribuído para forjar a imagem literária do mito do bom selvagem¹. Grande parte dos críticos

¹ Mornet menciona o uso abusivo do tema do homem selvagem na literatura desde o século XVII. Segundo este crítico, emblemático da importância quantitativa da divulgadíssima imagem do selvagem é o número de obras cujo objecto temático é o homem selvagem. No ideário francês esta presença é visível na referência que Mornet faz à existência de

ÍNDICE

Prefácio	11
INTRODUÇÃO — O mito do bom selvagem no imaginário europeu	21

PRIMEIRA PARTE

AS ORIGENS PORTUGUESAS DA TEORIA DA BONDADE NATURAL

CAP. 1 — MITOS CLÁSSICOS E TRADIÇÕES NACIONAIS	35
1.1. O torniquete do campo e da cidade	36
1.2. O mito cristão do jardim do Éden	41
1.3. A Idade de Ouro e o mito do regresso	43
1.4. A utopia do <i>ailleurs</i> : o paraíso perdido e as ilhas encantadas	44
1.5. A tradição dos livros de viagens: <i>mythos</i> e história	47
CAP. 2 — A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DE UM MITO NACIONAL: AUTORES CANÓNICOS E A TEORIA DA BONDADE NATURAL	55
2.1. Gil Vicente e a «teoria do declínio»	56
2.2. A égloga moral de Sá de Miranda	58
2.3. Bernardim Ribeiro e a felicidade intangível	61
2.4. Camões e uma Idade de Ouro vindoura	62
2.5. Os desenganos da vida em Diogo Bernardes	65
2.6. Rodrigues Lobo e a morigeração dos costumes	66

CAP. 3 — O BOM SELVAGEM NO «SÉCULO DAS LUZES» PORTUGUÊS	71
3.1. Rousseau censurado em Portugal	71
3.1.1. Contextualização histórica	71
3.1.2. A censura e a difusão das obras de Rousseau	74
3.2. A refutação da teoria da bondade natural: o papel dos críticos e dos jornais	78
3.2.1. Padre José Agostinho de Macedo	78
3.2.2. Jornais filosóficos	81
3.2.3. A imprensa portuguesa no estrangeiro	87
3.3. Adaptando Rousseau: o bom selvagem na literatura setecentista	89
3.3.1. Adaptações de <i>Émile</i>	89
3.3.2. As <i>Viagens d'Altina</i>	96
3.3.3. Conclusões	100

SEGUNDA PARTE

ALMEIDA GARRETT E A PROCURA DO HOMEM NATURAL

CAP. 4 — A EUFORIA DO ESCRITOR ADOLESCENTE E CONFIANTE, OU ADÃO NA UTOPIA SOCIAL	105
4.1. Os primeiros textos de Garrett	107
4.1.1. O jovem <i>Robinson</i> e os fundamentos da sua obra	107
4.1.2. A apologia da natureza e a regeneração do homem social	110
4.1.3. A «natureza augusta» e o meio coimbrão	113
4.1.4. O <i>Retrato de Vénus</i> e a terra-mãe	117
4.1.5. O <i>Impronto de Sintra</i> e o refúgio da natureza	118
4.2. O compromisso entre o bom selvagem e o homem social	122
4.2.1. <i>Átala</i> e a felicidade do eremita-educador	122
4.2.2. A religião «natural» e a bondade divina	125
4.2.3. A educação selectiva das artes e das ciências	127
4.2.4. A igualdade dos homens nas pegadas de Chateaubriand	131
4.3. Garrett e a época vintista	135

4.3.1. O moço «Alceu» e a Regeneração	135
4.3.2. «O poeta é também cidadão»	138
4.3.3. Adão na utopia da <i>pólis</i> ideal	141
4.3.4. «Tu, doce liberdade...»	144
4.3.5. O domínio do homem pelo homem	151
4.3.6. Os descobrimentos e a bondade natural	155
4.3.7. Conclusões	157
CAP. 5 — OS ANOS DO EXÍLIO E DO DESENGANO	159
5.1. Um novo Garrett...	159
5.1.1. As circunstâncias do pós-Vintismo	159
5.1.2. Escrever no exílio: uma nova expressão	161
5.2. A lírica da desilusão	163
5.2.1. Os últimos poemas de <i>João Mínimo</i> : a tristeza, a derrota e a impotência	163
5.2.2. <i>Camões</i> e a débil voz do instinto	166
5.2.3. O retorno à Natureza	171
5.3. <i>Catão</i> e a defesa de uma causa nacional	174
5.3.1. A reescrita de <i>Catão</i> nos anos 30	174
5.3.2. O apelo da liberdade e da justiça	177
5.3.3. Lendo <i>Catão</i> pelo <i>Contrat Social</i>	180
5.3.4. A corrupção do homem pela sociedade.	185
5.4. «Magriço» e a desoladora conclusão	192
CAP. 6 — A CORRUPÇÃO DO HOMEM NATURAL EM VIAGENS NA MINHA TERRA	195
6.1. O conflito da Natureza e da Civilização	198
6.1.1. A unidade temática das <i>Viagens na Minha Terra</i>	198
6.1.2. A dialéctica natureza/civilização	201
6.1.3. Do estado de inocência ao estado de reflexão	205
6.1.4. O Vale de Santarém e a «Menina dos Rouxinóis»	208
6.2. A procura da alteridade	212
6.2.1. O exílio e a negação do passado	212
6.2.2. Frei Dinis e o refúgio na «religião»	214
6.2.3. A incompatibilidade do social e do natural	217
6.3. A educação do homem natural e do homem social	220

6.3.1. A Natureza que educa	220
6.3.2. Carlos e a educação social	222
6.3.3. As actividades redentoras do campo	223
6.3.4. A voz da Natureza	224
6.4. O confronto do presente com o passado	227
6.4.1. As saudades	227
6.4.2. A desfiguração do Deus Glauco	229
6.4.3. A nostalgia da pátria primitiva e a queda do Adão natural	230
6.4.4. A questão da culpabilidade	233
6.5. Conclusões	235
 CAP. 7— HELENA E OS PRAZERES DE UMA VIDA SELVAGEM ..	 239
7.1. Garrett e o Brasil	239
7.1.1. A contextualização de <i>Helena</i>	239
7.1.2. Interações de Garrett com o Brasil	242
7.2. O domínio da natureza	244
7.2.1. Garrett e a natureza brasileira	244
7.2.2. A natureza selvagem em <i>Helena</i>	245
7.2.3. Os habitantes das terras de Itahé	251
7.3. Entre a arte e a natureza	254
7.3.1. A desfloração das terras virgens	254
7.3.2. A civilização na natureza	256
7.4. O natural e o social	262
7.4.1. A corrupção do mundo civilizado	262
7.4.2. O dilema da educação social	265
7.4.3. A incompatibilidade entre o Velho e Novo Mundo	267
7.5. O tema da raça e o destino do bom selvagem	270
7.5.1. A filantropia de Garrett	270
7.5.2. <i>Helena</i> e a questão da escravidão	272
7.5.3. O futuro da raça indígena	274
 CONCLUSÃO — O FIM DA DOCE ILUSÃO	 279
<i>Bibliografia</i>	285